

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 2 2019

Edição Especial: Museu Nacional (Volume 1)

ARTIGO

ANZÓIS, REDES E PESCADORES:

REFLEXÕES SOBRE A ARQUEOLOGIA DA PESCA

Lucas Antonio da Silva*, Maria Dulce Gaspar**

RESUMO

O objetivo do presente artigo é propor uma reflexão sobre a pesca no registro arqueológico, por meio das associações entre pescadores e materiais observados em uma comunidade pescadora da Barra do João Pedro, em meio ao rosário de lagoas, do litoral norte do Rio Grande do Sul. A partir das contribuições da socioantropologia da pesca, da Arqueologia dos sambaquis e da etnoarqueologia buscar-se-á os fundamentos para tal proposição. Observando que a materialidade se encontra no centro dessas argumentações, os anzóis, redes e pescadores serão o eixo para desvelar essa associação entre corpos e artepescas.

Palavras-chave: Pesca; Associações; Materiais; Pescadores.

*Universidade Federal de Pelotas; Museu Nacional – UFRJ. E-mail: las.arqueo@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7818-2973>.

** Museu Nacional / UFRJ, pesquisadora do CNPq e Bolsista do Nosso Estado / FAPERJ. E-mail: madugasparmd@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5483-4495>.

FISH HOOKS, NETS AND FISHERMEN: REFLECTIONS ON FISHING ARCHEOLOGY

ABSTRACT

The purpose of this article is to propose a reflection on fishing in the archaeological record through associations between fishermen and materials observed in a fishing community of Barra do João Pedro, amidst the rosary of lagoons, on the north coast of Rio Grande do Sul. From the contributions of the socio-anthropology of fishing, the archeology of *sambaquis* and ethnoarcheology will seek the foundations for such proposition. Noting that materiality is at the center of these arguments, the hooks, nets and fishermen will be the axis to unveil this association between bodies and artefacts.

Keywords: Fisheries; Associations; Materials; Fishermen.

ANZUELOS, REDES Y PESCADORES: REFLEXIONES SOBRE ARQUEOLOGÍA DE LA PESCA

RESUMEN

El propósito de este artículo es proponer una reflexión sobre la pesca en el registro arqueológico a través de asociaciones entre pescadores y materiales observados en una comunidad pesquera de Barra do João Pedro, en medio del rosario de lagunas, en la costa norte de Rio Grande do Sul. A partir de las contribuciones de la socioantropología de la pesca, la arqueología del *sambaquis* y la etnoarqueología buscarán los fundamentos para tal proposición. Al señalar que la materialidad está en el centro de estos argumentos, los anzuelos, las redes y los pescadores serán el eje para revelar esta asociación entre cuerpos y artefactos.

Palabras clave: Pesca; Asociaciones; Materiales; Pescadores.

...Recém-chegado e ignorando totalmente as línguas do Levante, Marco Polo só podia se exprimir extraindo objetos de suas malas: tambores, peixes salgados, colares de dentes de facoqueros e, indicando-os com gestos, saltos, gritos de maravilha ou horror, ou imitando o latido do chacal e o pio do mocho.

Nem sempre as relações entre os diversos elementos da narrativa resultavam claras para o imperador; os objetos podiam significar coisas diferentes: uma fâretra cheia de flechas ora indicava a proximidade de uma guerra, ora a abundância de caça, ou então a oficina de um armeiro; uma ampulheta podia significar o tempo que se passa ou se passou, ou então a areia, ou uma oficina em que se fabricam ampulhetas.

Mas o que Kublai considerava valioso em todos os fatos e notícias referidas por seu inarticulado informante era o espaço que restava em torno deles, um vazio não preenchido por palavras. As descrições das cidades visitadas por Marco Polo tinham esse dom: era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente.

(CALVINO, Ítalo, 1990: 41.)

INTRODUÇÃO

As ciências sociais dedicam-se há pelo menos um século aos estudos da pesca, seja nos contextos arqueológicos ou socioantropológicos. O que se pode falar atualmente sobre a pesca? Poderia a Arqueologia de hoje, por meio dos “objetos” que estuda, explicar algo diferente sobre ela, tal como buscou Marco Polo? Para responder esses questionamentos, tentaremos, através desse texto, demonstrar que é possível seguir os materiais, refletir sobre fenômenos de longa duração, por meio da articulação entre anzóis, redes e pescadores.

Entendemos que existem desafios importantes no estudo das sociedades pescadoras e que a Arqueologia deve seguir se dedicando para tanto. Os estudos sobre os pescadores-coletores dos sambaquis, certamente uma das linhas de investigação mais antigas da Arqueologia brasileira, foram fundamentais para o desenvolvimento de interpretações sobre a ocupação costeira do Brasil. Contudo as limitações das fontes e as abordagens aplicadas ao estudo desses sítios arqueológicos geraram dificuldades para uma reflexão sociológica acerca dos pescadores dessas regiões costeiras. Recentemente, por meio de uma etnoarqueologia das populações pescadoras do presente¹, novos dados possibilitaram a ampliação do alcance dos estudos arqueológicos sobre as comunidades pescadoras no Brasil tanto na compreensão do presente quanto na elaboração de modelos interpretativos sobre a pesca no passado.

Tendo em vista isso, reunimos esforços para um recorte da compreensão material da pesca, tomando como base os estudos etnoarqueológicos realizados na comunidade de pescadores da Barra do João Pedro e as pesquisas feitas nos sítios arqueológicos de tipo sambaqui do litoral brasileiro. Partindo da ideia de que a pesca é uma prática de longa duração e caracterizada por uma relação de proximidade com a água, buscaremos o entendimento desta por meio das associações entre pescadores e seus materiais de trabalho, mais especificamente aqueles que costumam ser marcadores de identidade dessa prática, às artes pescas: espinhéis e redes.

¹ Os trabalhos de Silva (2011, 2012, 2015, 2017, 2018, 2019) com os pescadores da Barra do João Pedro foram orientados por uma etnografia das relações entre materiais e pessoas. Em um primeiro momento, a pesquisa esteve voltada para a compreensão da formação das áreas de atividade e do registro arqueológico e posteriormente orientou-se pelas premissas pós-humanistas de associação dos materiais com as pessoas e lugares.

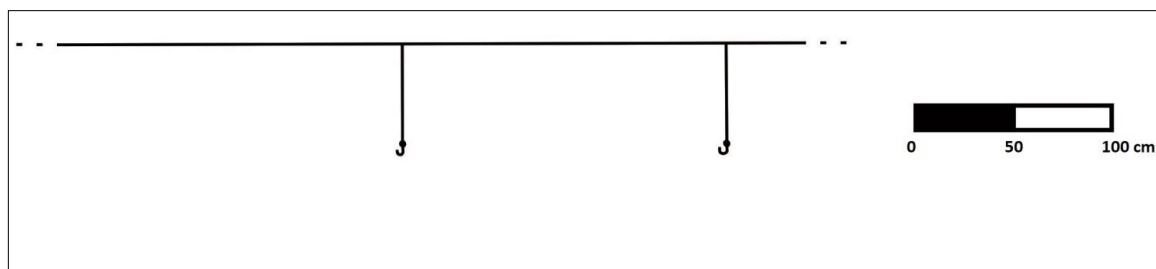
Para o estudo em questão, a artepesca se constitui como parte do conjunto de materiais que “vão para água”, isto é, aqueles instrumentos que, segundo os pescadores, são colocados na água para a efetivação da pesca. Ainda que essa atividade esteja articulada por diversos instrumentos que se relacionam entre si, o pescador costuma chamar de artepesca aquilo que “pega o peixe”. Trata-se do material que captura e possui a qualidade de prender o peixe até que o pescador o retire da malha ou do anzol.

Outro aspecto importante é o modo e o contexto em que a palavra artepesca é empregada, pois, embora os pescadores a utilizem para se referir ao conjunto de materiais que eles possuem – espinhel fino, espinhelão, redes simples e feiticeiras–, o mesmo termo pode ser utilizado para designar apenas um material de pesca, como, por exemplo, uma rede (ver Figura 1). Desse modo a ideia de artepesca pode conduzir para um determinado material em específico ou para um conjunto deles.

Figura 1 - Pescador realizando a limpeza de uma rede (foto de Lucas Silva, 04/2013).



Assim a escolha dos espinhéis (ver Figura 2.) e redes se baseia fundamentalmente pelo contexto etnográfico no qual se desenvolveu o trabalho etnoarqueológico. A comunidade de pescadores da Barra do João Pedro, por exemplo, está inserida no rosário de lagoas do litoral norte, do Rio Grande do Sul, no município de Maquiné e, segundo a classificação proposta por Diegues (2004), se caracteriza pela pesca tradicional de pequena produção mercantil. Nela, utilizam-se embarcações de pequeno porte, geralmente de até seis metros, podendo ser motorizadas ou não.

Figura 2 - Representação de uma secção de um espinhel (Elaborado por Tiago Muniz).

Todas as etapas produtivas são realizadas no núcleo familiar, envolvendo mulheres, homens e crianças, desde a confecção das artepescas, passando pelo beneficiamento do peixe e sua venda. Já as fases associadas à pesca realizadas em terra são feitas em estruturas dentro ou anexadas às casas, tais como galpões de pesca ou barracos. Por sua localização em área costeira, a comunidade dispõe de águas salobras e a pesca é efetuada de espécies variadas. Para tanto, os pescadores utilizam redes e espinhéis, como as artepescas necessárias para realizar suas práticas cotidianas na busca pelo pescado.

Nos exemplos arqueológicos, a caracterização da pesca para esses grupos se deu, basicamente, na associação dos vestígios ictioarqueológicos com anzóis e pesos de rede encontrados nos sítios (FRANCO, 1998). A partir disso, verifica-se que esses materiais de pesca indicam, possivelmente, a existência de artepescas, tais como espinhéis, redes e caniços.

Visto isso, podemos afirmar que o recorte proposto nessas duas artepescas – redes e espinhéis – coaduna os materiais do presente e (os possíveis) do passado para refletir sobre arqueologia da pesca.

A SOCIOANTROPOLOGIA E AS COMUNIDADES DE PESCADORES

O surgimento de comunidades de pescadores no Brasil é um fenômeno que se desenvolveu, em sua maioria², vinculado à ocupação de áreas próximas à água (GASPAR *et al.*, 2008). Nesse sentido, tal como propõe Diegues (1997, 2004), as comunidades costeiras, caracterizadas como grupos de pescadores que utilizam e/ou se apropriam dos ambientes aquáticos costeiros ou do “mar raso”, foram, pelo menos até meados do século XIX, a única forma de exploração pesqueira no litoral brasileiro. Somente a partir da utilização de grandes embarcações e da mecanização da pesca, fenômeno tardio no Brasil (DIEGUES, 1997, 1999a, 2004), é que se torna notável o desenvolvimento das comunidades marítimas, ou seja, aquelas que utilizam os recursos do mar profundo ou “mar de fora”.

Essas comunidades possuem uma relação profunda com o ambiente em que habitam, caracterizada sobretudo, pela tradição e o conhecimento adquirido na convivência com estes locais. Tal como destaca Diegues (1999b, 2004), essa tradição se baseia na longa continuidade temporal da pesca artesanal, no domínio do “saber-fazer”, da “arte da pesca”, também chamada de Haliêutica (WAGNER & SILVA, 2013), que envolve a pesca e o aprendizado adquirido e herdado dos pescadores mais velhos.

De modo geral, esse conhecimento tradicional se constrói na vivência com os mestres, com as espécies de peixes, com os materiais de pesca e com o território, criando por meio disso uma relação profunda com esses lugares nos quais estes

² Figuti e colaboradores (2013) destacam a existência de ocupações pescadoras-coletoras em sambaquis estuarinos. As datações são próximas dos 10 mil A.P no vale do Ribeira em São Paulo.

pescadores habitam. Nesse sentido, mais do que uma questão produtiva, os pescadores estabelecem relações de vida com esses espaços (SILVA, 2015) e com a mediação dos materiais. Sendo assim, os lugares se caracterizam como parte importante no desenvolvimento do modo de vida do pescador nos seus mais diversos aspectos, desde o conhecimento dos hábitos dos peixes, dos locais de pesca, da movimentação dos ventos, das visões e percepções que estes constroem de seu território e na constituição do conjunto de materiais para suas práticas cotidianas. (ADOMILLI, 2002, 2007; DIEGUES, 1997, 2004; FERREIRA, 2012; MALDONADO, 1994, 2000; SAUTCHUK, 2007; SILVA, 2015, 2017, 2018).

Nesse sentido, observa-se que o conhecimento tradicional se encontra relacionado à construção do território e dos próprios materiais de pesca. Desse modo, os saberes tradicionais e territórios são compostos por questões produtivas e pela materialização de relações sociais simbólicas sobre suas zonas e seus instrumentos (BEGOSSI, 2004; DIEGUES, 1997, 1998, 2000, 2004; MALDONADO, 1994, 2000). Entende-se que essas variáveis atuam de maneira indissociável na construção do território e, do mesmo modo, na constituição de sua materialidade. Portanto compreende-se que a pesca é, acima de tudo, a associação das pessoas com lugares, sua materialidade e demais seres e, a partir disso faz-se necessário observar a constituição material que se articula em tal atividade.

OS PESCADORES-COLETORES DOS SAMBAQUIS E A PESCA

A partir da década de 1990, os estudos zooarqueológicos em sambaquis chamaram a atenção para a importância da pesca na dieta das populações sambaquieiras (FIGUTI, 1993). A grande quantidade de resistentes carapaças de moluscos que se destacam nas seções de perfil indicava, em uma primeira impressão, um grande consumo desses moluscos. No entanto, ao mesmo tempo, tais sambaquis escondiam fragmentos e, muitas vezes escurecidos, ossos de peixes. Figuti (1992) ressalta que a arqueologia havia formado uma *visão impressionista* do testemunho arqueológico, visto que concluiu que os peixes foram mais importantes que os moluscos na dieta dos construtores de sambaqui. Assim, a correlação entre *conchas/ossos = alimento* desvelou o equívoco de supor que à beira mar seres humanos se contentariam em consumir moluscos. Morando no litoral abundante em pescado, com águas férteis em decorrência da corrente de ressurgência, não poderiam estar restritos em explorar apenas as águas rasas ou seus contornos terrestres, *habitat* da maioria dos moluscos que compõem o pacote arqueológico dos sambaquis.

Análises zooarqueológicas, ao tomar o próprio sedimento que compõe o sambaqui como artefato e dessa maneira investigar sua composição e distribuição espacial, demonstram que a pesca era fundamental e que melhor seria denominar estes grupos como de pescadores-coletores (FIGUTI, 1992; KLOKLER, 2008; NISHIDA, 2007). Para além dos estudos zooarqueológicos, as pesquisas isotópicas também confirmaram a importância de recursos marinhos na alimentação de sambaquieiros (DE MASI, 1999; COLONESE *et al.*, 2014; KLOKLER *et al.*, *no prelo*).

Além disso, as águas eram muito mais do que fonte de recursos, mas espaços de sociabilidade. Elas serviam como meios de encontro de pescadores para montar armadilhas, jogar redes ou anzóis, *artepescas* que nem sempre deixaram testemunhos arqueológicos de suas práticas, as quais são inferidas pelo material faunístico que compõe os sambaquis e são amplamente demonstradas pela zooarqueologia. Os corpos d'água eram espaços de atividades rotineiras, e suspeita-se que os sambaquieiros estivessem ainda mais ligados ao meio líquido: "há pistas [...] que sugerem a existência de assentamentos habitacionais nas franjas das lagoas (possivelmente palafitas), áreas

instáveis e muito dinâmicas do ambiente costeiro em constante movimento” (KNEIP *et al.*, 2018: 28).

As águas fornecem uma diversidade de recursos: moluscos nas praias rasas, costões e manguezais, além dos peixes que percorrem suas margens e outros que habitam as profundezas. Os recursos distribuídos em diferentes áreas das baías, lagoas e desembocaduras de rios implicavam deslocamentos constantes e vigilância em busca de sinais da presença de alimentos valorizados pelos pescadores-coletores. A maneira como alguns peixes se apresentam em determinadas épocas do ano, concentrados e aproximando-se da costa, propiciava a pesca comunitária.

Recursos aquáticos, mesmo após décadas de pesca industrial e intensa poluição ambiental, ainda permanecem abundantes, renováveis e, certamente, permitiram ser percebidos como inesgotáveis. A maneira como estes importantes recursos se apresentam nas águas para os sambaquieiros coaduna com comportamento colaborativo, característica relevante dessa sociedade, expressa na formação dos sambaquis, na distribuição espacial de sítios e no ritual funerário. A cerimônia fúnebre, comunitária, por definição e razão da construção de sambaquis, mobilizava inúmeras pessoas, envolvia intensa atividade pesqueira, coleta de moluscos, catação de madeira, preparação de comida, além do tratamento do corpo. Se tratava de um evento de reunião de pessoas, circulação de informação, momento apropriado para exibição, manutenção e obtenção de posição de prestígio (GASPAR, 1991; SCHEEL-YBERT, 1998; KLOKLER, 2012; 2014).

Os estudos do processo de construção de sambaquis indicam que, após escolhidos os materiais construtivos, adotadas as atividades relacionadas com o seu processamento e a deposição nos cemitérios, a sequência de atividades responsável pelo volume dos sítios tendia a se repetir por décadas e centenas de anos, até que eventualmente fosse alterada. Enquanto a recorrência de atividades imperava na formação dos montículos que cobrem áreas funerárias, a expressão da criatividade dos sambaquieiros se manifestava principalmente no âmbito dos sepultamentos. (FISH *et al.*, 2000; VILAGRAN, 2010; BIANCHINI, 2015, GASPAR *et al.*, no prelo).

Escolhas realizadas logo após a morte são eventos de curta duração que, no caso da sociedade sambaquieira, parecem ter tido como princípio a busca de variabilidade no que se refere à preparação do terreno para receber o cadáver, a escolha de acompanhamentos funerários, os alimentos para o morto, o festim e a vinculação especial com determinados bichos (KLOKLER & GASPAR, 2013). Destaca-se, nesse contexto, a feliz frase de Wesolowski (1999) sobre a organização de ossos humanos em sambaquis do litoral de São Paulo, quando diz que *o padrão parece ser a ausência de padrão* ou como nas palavras de Lima e Mazz (1999) afirmando haver *uma impressionante diversidade de práticas funerárias*.

Desse modo, a pesca para esses grupos indica duas possibilidades complementares, por um lado, a utilização dos recursos pesqueiros para alimentar o corpo vivo, comer os peixes e utilizá-los para seu sustento e manutenção da vida nos ambientes costeiros; e por outro, observa-se que as práticas rituais associadas aos sepultamentos indicam que os peixes eram importantes para o corpo morto. O que ambos os aspectos reúnem é a necessidade de articular-se com as artepescas, pois elas vão ser as mediadoras dessas relações entre as pessoas, lugares e peixes.

A PESCA COMO UMA ASSOCIAÇÃO ENTRE PESSOAS E MATERIAIS

Como já referido, a artepescas pode ser caracterizada por aqueles materiais que vão para a água e que efetivamente capturam e conectam o pescador ao peixe, cuja primeira característica a ser observada é o seu movimento de imersão. Aqui se evidencia uma

relação interessante, pois na realidade são os pescadores que os conduzem, diferente do que a frase sugere – o objeto se deslocando sozinho para a água. O fato de o pescador delegar a artepesca essa capacidade de agir torna-se ainda mais interessante quando se observa sua prática: sempre que o material vai para água, o pescador também vai. Existe uma associação que une ambos. O pescador conduz a rede para a água; a rede pega o peixe; o pescador a retira da água; e assim por diante.

É relevante observar ainda que nessa associação entre pescador e artepesca se estabelece uma relação de reciprocidade, em que um ajuda o outro para efetivar as práticas nas quais os dois estão engajados. Assim, ambos se alimentam, pois o pescador garante que os materiais estejam adequadamente dispostos na água, para que, em contrapartida, tais instrumentos garantam ao pescador o peixe de cada dia.

Outra proposição associativa entre pescadores e materiais está na própria constituição das artepescas. Uma rede ou um espinhel são feitos a partir das medidas corpóreas de cada pescador. Por exemplo, quando este decide que vai entralhar³ uma rede, ele estabelece que, entre uma boia e outra deve existir a distância de uma *braça*⁴, isso porque tanto no momento de colocar a rede no pesqueiro ou retirá-la cada movimento realizado garante que o pescador tenha um controle da retirada da rede. Isso assegura aderência e auxilia na organização das suas malhas. O mesmo vale para o espinhel, pois entre cada empate existe a mesma braça de distância, garantindo que o pescador não tenha problemas de enrosco ou má colocação do espinhel. Essa medida orgânica se constitui em uma extensão do corpo do pescador na artepesca e, por consequência, em uma mistura entre o corpo e o material: o pescador é a artepesca, mas ela, por sua vez, também é o pescador. Observa-se, assim, tal como no caso anterior, a relação e reciprocidade entre ambos.

Essa constituição relacional da pesca, observada na articulação entre pescadores e artepesca, demonstra que redes e espinhéis se compõem pela identidade do próprio pescador. Ninguém dá um nome especial a sua artepesca, por outro lado, estas carregam consigo seus criadores. Ainda que eventualmente pescadores possam utilizar os materiais de outros, eles sempre clamam a propriedade de suas redes e espinhéis de uma forma muito simples: tirando suas medidas em braças.

Até aqui se falou de como pescadores e materiais se alimentam – em um sentido metafórico e prático – e como um e outro são, na realidade, os mesmos, ainda que se trate de um corpo humano e de materiais industrializados. Agora, é importante destacar como o material se estende às capacidades corpóreas do pescador. Quando uma rede ou espinhel “pega” o peixe, essas artepescas estão, na verdade, articulando pescador e peixe, pois os fios da malha da rede ou a linha do espinhel os detêm, um em cada ponta. O “pegar” desses materiais é uma extensão do pescador, porque seu próprio corpo não alcança o peixe e, nesse sentido, a artepesca vai pegá-lo, até que o animal esteja ao seu alcance. O material vai mediar uma relação entre dois seres de superfícies diferentes: os humanos (terrestres) e os peixes (aquáticos). Por isso o pescador dedica muito do seu conhecimento à constituição de sua artepesca, pois ela deve ser seu corpo na água e, com isso, estender seus braços para buscar os peixes.

Esse conjunto de materiais, sintetizados pela ideia de artepesca, configuram uma definição da pesca, independentemente de sua temporalidade, seja nos estudos da Arqueologia pré-colonial ou nas comunidades históricas e recentes. Ainda que possuam diferentes contextos temporais, socioculturais e até mesmo ambientais, a presença da

³ Fazer a rede, colocar malha, cabos, chumbo e boias.

⁴ Envergadura, a medida total com os braços esticados de um dedo ao outro. Geralmente, a medida resultante será igual ou semelhante à altura do indivíduo.

artepesca encaminha-nos para as práticas associadas com a água e os peixes (SILVA, 2018). Por isso, ao conceber a pesca como um engajamento material no mundo, deve-se partir também da própria associação entre pessoas, materialidade e peixes, agregando às questões produtivas e simbólicas o caráter relacional das coisas em nossas vidas.

CONCLUSÕES

Através das relações materiais, pode-se compreender parte significativa da vida das pessoas, grupos e sociedades. Partindo disso, a Arqueologia dedicou-se durante décadas a entender o modo de vida dos grupos de pescadores-coletores da costa brasileira. Nesses estudos, diversos avanços foram conquistados, desde as interpretações mais voltadas para a economia e os padrões de assentamento até as mais recentes averiguações que abordam os rituais funerários. No entanto pouco atentou-se para o modo como os pescadores e seus materiais se associavam, juntamente com uma paisagem (principalmente os meios aquáticos) ativa na construção de suas práticas.

Nesse sentido, a etnoarqueologia pode oferecer ferramentas para interpretar as manifestações materiais em diferentes temporalidades. É nesse viés que, através do trabalho com os pescadores do presente, buscou-se o entendimento da pesca como a associação entre pessoas e materiais, mais especificamente voltada aos pescadores e a artepesca. Buscar a compreensão dessas relações é dialogar diretamente com o princípio do emaranhamento, no qual todos os fenômenos encontram-se misturados e, por conta disso, cabe ao pesquisador segui-los indefinidamente em suas associações. (INGOLD, 2015).

As artepescas como, redes, espinhéis, anzóis, pesos de rede, boias, entre outras, auxiliam no entendimento das práticas que caracterizaram e caracterizam a pesca e as sociedades que por ela vivem. É por meio disso que, no presente trabalho, entende-se que a Arqueologia também pode contribuir tanto no passado quanto no presente. Isso porque os pescadores fazem suas redes e espinhéis, se alimentam, se estendem e se constituem por meio dos instrumentos, independentemente de sua temporalidade e do lugar onde habitam. Retomando o que foi exposto na introdução, não se trata de resumir a pesca a essas associações materiais, mas de centrar esforços para interpretar, arqueologicamente, esse modo de vida relacionado com a água. (SILVA, 2018, 2019).

Como se trata de uma proposição generalista, retoma-se a ideia colocada por Diegues (2004) de que “*a pesca constrói sociedades*”, portanto, cabe à Arqueologia, nos seus estudos sobre os sambaquis, ou comunidades recentes, desvelar como as relações entre materiais e pessoas constituem a pesca. Isso encaminha para o movimento oposto: “*pescadores e materiais constroem a pesca*”. Conforme destacado anteriormente, o engajamento prático se desenvolve na articulação das artepescas, dos pescadores e da água. Nesse caso, buscou-se, na materialidade, uma possibilidade de alcançar uma ideia sobre a pesca em diferentes contextos e temporalidades.

Retomando a epígrafe inicial, a proposta preenche apenas uma das lacunas sobre o tema da pesca. É preciso avançar a partir de outros recortes associativos, desse modo, esse trabalho não se esgota e, ao mesmo tempo, se propõe a seguir a investigação arqueológica da pesca com outras associações. Tal como o Imperador Kublai Khan (CALVINO, 1990) considerava valioso, quanto mais espaços surgirem entre nossos estudos arqueológicos, mais articulações e propostas consistentes serão desenvolvidas para preenchê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOMILLI, G. 2002. *Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 114p.
- ADOMILLI, G. 2007. Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte – RS. *Tese de Doutorado*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 343p.
- BEGOSSI, A (org). 2004. *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: NUPAUB-USP/HUCITEC/FAPESP/NEPAM-UNICAMP, 322 pp.
- BIANCHINI, G. 2015. Por entre conchas e corpos: uma discussão sobre a prática social materializada no registro de um Sambaqui. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 205p.
- CALVINO, I. 1990. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 150pp.
- COLONESE, A. et al. 2014. Long-Term Resilience of Late Holocene Coastal Subsistence System in Southeastern South America. *Plos One* . 9(4):1-13.
- DE MASI, M. 1999. Prehistoric Hunter-gatherers Mobility in the Southern Brazilian Coast. Santa Catarina Island. *Tese de doutorado*. San Francisco, Stanford University.
- DIEGUES, A. (org.). 1997. *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB-USP, 235pp.
- DIEGUES, A (org.). 1998. *Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: HUCITEC, 292pp.
- DIEGUES, A. 1999a. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: uma síntese histórica. Disponível em <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/leal1.pdf>
- DIEGUES, A. (org). 1999b. *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. NUPAUB - Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas Brasileiras - Universidade de São Paulo. 211 pp.
- DIEGUES, A. (org). 2000. *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 207 pp.
- DIEGUES, A. 2004. *A Pesca Construindo Sociedades*. São Paulo: NUPAB – USP, 315 pp.
- FERREIRA, M. 2012. “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”: Uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. *Revista de História Oral*, v. 1, n. 15, p. 9-34.
- FIGUTI, L. 1992. Les sambaquis COSIPA (4200 à 1200 ans AP): étude de la subsistance chez les peuples préhistoriques des pêcheurs-ramasseurs de bivalves de la côte centrale de l’État de São Paulo, Brésil. *Tese de Doutorado*. Paris, Museu Nacional de História Natural 212p.
- FIGUTI, L. 1993. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaquis: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, 3, p. 67-80.
- FIGUTI, L.; PLENS, C.; DEBLASIS, P. 2013. Small Sambaquis and Big Chronologies: Shellmound Building and Hunter-Gatherers in Neotropical Highlands. *Radiocarbon*, v. 55, p. 1215-1221.
- FISH, S; DEBLASIS, P; GASPAR, M. D.; FISH, P. 2000. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 10: p. 69-87.
- FRANCO, T. 1998. Prehistoric fishing activity in Brazil: a summary. In: PLEW, M. (org). *Explorations in American archaeology: essays in honor of Wesley R. Hurt*. Laham: University Press of America, p. 7-36.

- GASPAR, M. D. 1991. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do rio Paraíba do Sul, RJ. 374 f., 2v. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- GASPAR, M. D. DEBLASIS, P.; FISH, S.; FISH, P. 2008. Sambaqui (Shell Mound) Societies of Coastal Brazil. In: SILVERMAN, H.; ISBEL, W.I. (Org.). *Handbook of South America Archaeology*. 1ed.Lisboa: Springer, p. 319-335.
- GASPAR, M. D., KLOKLER, D.; BIANCHINI, G. Social structure and organization of mound building sambaqui groups of the southern and southeastern Brazil. Encaminhado para publicação *Latin American Archaeology*.
- INGOLD, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 390pp.
- KLÖKLER, D. 2008. Food for body and soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna - Brazil). *Tese de Doutorado*. Tucson, Universidade do Arizona, 368p.
- KLÖKLER, D. 2012. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus*, v. 10, p. 83-104.
- KLOKLER D; GASPAR, M. D. 2013. "Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., esse sambaqui é uma estrutura funerária!". In: GASPAR, M. D; MENDONÇA DE SOUZA, S.(Orgs). *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Erechim/RS: Habilis, p 109-125.
- KLÖKLER, D. 2014. A Ritually Constructed Shell Mound: Feasting at the Jabuticabeira II Site. In: M. Roksandic, S. Mendonça de Souza, S. Eggers, M. Burcell, and D. Klokler. (Org.). *The cultural dynamics of shell middens and shell mounds: A worldwide perspective*,. 1ed.Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 151-162.
- KNEIP, A; FARIAS, D; DEBLASIS, P. 2018. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia* da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso, v. 31, p. 25-51.
- LIMA, T. A.; LOPEZ MAZZ, J. M. 1999. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la costa atlántica meridional sudamericana. *Revista de Arqueologia Americana*, México, IPGH, v. 17, 18, y 19: p. 129-175.
- MALDONADO, S. 1994. *Mestres e Mares, espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 2ª edição, 193 pp.
- MALDONADO, S. 2000. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In: DIEGUES, A. C (org). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP p. 59-68.
- NISHIDA, P. 2007. A Coisa Ficou Preta: Estudo do Processo de Formação da Terra Preta do Sítio Arqueológico Jabuticabeira II. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Universidade de São Paulo. 112p.
- SAUTCHUK, C. 2007. O arpão e o anzol, técnica e pessoa no estuário do Amazonas (vila Sucuriju, Amapá). *Tese de Doutorado*, Brasília, Universidade Nacional de Brasília, 309p.
- SCHEEL-YBERT, R. 1998. "Stabilité de l'écosystème sur le Littoral Sud-Est du Brésil à l'Holocène Supérieur (5 500 - 1 4000 ans BP). - Les Pêcheurs-Cueilleurs et le Milieu Végétal: Apports de L'Anthracologie". *Tese de Doutorado*. Montpellier, Université de Montpellier II.
- SILVA, L. 2011. Etnoarqueologia da pesca. Um estudo sobre as áreas de atividade e práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, RS. *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*. Pelotas, v. VIII, nº15/16 p. 113-127.
- SILVA, L. 2012. *Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPGH, PUCRS, 127pp.

- SILVA, L. 2015. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, p. 537-547.
- SILVA, L. 2017. (Re)visitando as pessoas e as coisas: a etnoarqueologia enquanto uma arqueologia do presente. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, v. 30, p. 175-185.
- SILVA, L. 2018. Os materiais de pesca fluindo. Uma Arqueologia com os pés na água. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 206p.
- SILVA, L. 2019. A fluidez das relações materiais. Uma arqueologia com os pés na água. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. V. 32, n. 1, p.108-128.
- VILLAGRAN, X. 2010. *Estratigrafias que falam: geoarqueologia de um sambaqui monumental*. São Paulo: Annablume, 214pp.
- WAGNER, G; SILVA, L. 2013. Maritimidade, haliêutica e a arqueologia dos sambaquis. *Tempos Acadêmicos*, Criciúma, v. 1, n.11, p. 54- 67.
- WESOLOWSKI, V. 1999. Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. In: TENÓRIO, M. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 189-195.